
Editorial 5, 2012/02 [1]

Entrevista

Entrevista com Noam Chomsky [2-13]

Interview with Noam Chomsky [14-24]

Cristina Buarque

Artigos

Extirpar e expelir: sobre a administração penal dos migrantes pós-coloniais na União Européia [25-32]

Extirpate and expell: on the penal management of postcolonial migrants in the European Union [33-40]

Loïc Wacquant

A dimensão simbólica do capitalismo moderno

Para uma teoria crítica da modernização

Jessé de Souza [41-59]

A imprensa e o sul-americano de futebol de 1922: a “defesa das cores nacionais” ou o “campeonato internacional das futilidades”?

João Manuel Casquinha Malaia Santos [60-76]

A sociedade civil organizada e a administração governamental dos interesses: o exemplo dos conselhos paritários

Jean-François Deluchey [77-101]

El Neoliberalismo y el problema de “cómo vivir juntos”: la comunidad en la obra de Friedrich Hayek

Victoria Haidar [102-123]

A imprensa e o sul-americano de futebol de 1922: a “defesa das cores nacionais” ou o “campeonato internacional das futilidades”?

João Manuel Casquinha Malaia Santos

João Manuel Casquinha Malaia Santos é professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor de Gestão de Esportes da Universidade Nove de Julho, em São Paulo.

Resumo

O presente trabalho destina-se a uma análise do papel da grande imprensa paulista e carioca sobre seleção brasileira de futebol como símbolo nacional durante os Jogos Sul-Americanos de 1922. Parte dos festejos do centenário da independência, o evento teve envolvimento do governo e foi amplamente noticiado pelos periódicos dessas cidades. Em um ano conturbado e em meio a um processo complicado de discussão parlamentar sobre uma lei de censura à imprensa, a análise de notícias, crônicas e charges sobre o evento teve a celebração da vitória da seleção, mas também críticas duras ao governo e à importância que se dava à seleção e a seus jogadores como símbolos da nação.

Palavras-chave

imprensa, política, História do Esporte, Campeonato Sul-Americano de 1922.

Abstract

This study aims to analyze the role of mass media in São Paulo and Rio de Janeiro on the Brazilian football team as a national symbol during the South American Games, 1922. Part of the centennial celebration of Brazilian's independence, the event had the particular attention by the government and was widely published in the journals in these cities. In a turbulent year and with a parliament debate on a law to censure press, the possibility of criticism in news, essays and cartoons had the celebration of the national team, but also harsh criticism on the government involvement and the importance that was given to football and Brazilian players as symbols of the nation.

Keywords

press, politics, Sports History, 1922's South American Championship.

“[...] A febre, a ansia, o ardor – estampados no semblante de cada um dos ‘torcedores’ – com que os amantes do universal desporto, entre nós acorreram a ver ‘match’ sensasional, mostram bem o gráu de progresso que o football vem fazendo nesta grande terra”.

(*Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 39, 30 de setembro de 1922, p. 48.)

Muito antes de se organizar uma confederação que, com a anuência do poder público, viesse a organizar seleções esportivas nacionais que congregassem atletas de vários estados do país e desse a ela o nome de “seleção brasileira”, a grande imprensa carioca e paulista destacava que já se “torcia por patriotismo”. A evolução dos esportes nos países considerados civilizados e a profusão de torneios internacionais de nações geravam nos cronistas que acompanhavam os jogos de futebol nas grandes cidades do país uma verdadeira necessidade de chamar de “seleção nacional” quase todo o combinado de jogadores brasileiros que se aventuravam a disputar partidas contra jogadores estrangeiros.

Somente após a organização da Confederação Brasileira de Desportos, em 1915, e de sua filiação à *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e ao Comitê Olímpico Internacional (COI), é que houve a formação de uma seleção brasileira de futebol “oficial”, ou seja, com a anuência do governo para a disputa de competições internacionais representando o país.

O futebol adicionava mais elementos à sua já atrativa configuração como produto a ser consumido por uma sociedade de massas em formação nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. As duas cidades apresentavam um ritmo intenso de crescimento econômico e populacional. O aumento do número de indústrias, aliado à chegada maciça de imigrantes e brasileiros de outras regiões, contribuíram para a formação de um número cada vez maior de setores da sociedade que passaram a sofisticar seus hábitos de consumo, junto às elites e às incipientes classes médias. Entre esses hábitos, ganharam destaque atividades de lazer comercializáveis e responsáveis por um novo estilo de vida urbano, característico da civilidade e da modernidade da época, como o hábito de frequentar grandes jogos de futebol. Esse esporte teve rápida aceitação no país e foi constantemente taxado pela grande imprensa da época como o “*sport da moda*”².

Em 1919, o “*sport da moda*” teve grande impulso quando o Brasil sediou, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, o campeonato sul-americano de futebol. A competição auxiliou sobremaneira o processo já acelerado de desenvolvimento deste esporte e de seu

envolvimento com a sociedade e com o próprio poder do Estado (cf. Pereira, 2000: 148-154 e Santos, 2010:169-185).

62

Apenas três anos depois, em 1922, o governo brasileiro organizou uma série de festejos comemorativos do centenário da independência do país. Dois deles mereceram grande destaque, tanto por parte do governo, quanto por parte da grande imprensa, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo: a Exposição Internacional e a competição poliesportiva sul-americana, chamada de “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro”. Os Jogos estavam inseridos dentro das comemorações do centenário na Capital Federal, e as provas esportivas estavam incluídas na programação oficial dos festejos.

A competição também fazia parte do projeto de regionalização das competições esportivas internacionais desenvolvido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), através das ações de seu patrono, Pierre de Coubertin, e mais diretamente do representante da entidade para a América, Elwood Stanley Brown, que também era diretor do Comitê Internacional da Associação Cristã de Moços³. O torneio de futebol teve, assim como em 1919, especial destaque. Dentro desse contexto é que a seleção brasileira de futebol foi efusivamente saudada como legítima representante da nação ou criticada, justamente, por ser associada a símbolos nacionais.

Neste artigo, pretendo trabalhar o papel da imprensa na exaltação ou condenação de elementos simbólicos nacionais através da seleção brasileira de futebol. Dentro de um contexto conturbado, porém culturalmente importante, pode-se perceber como a exaltação dessa instituição contribuiu na construção de um discurso que buscava a celebração de uma nação jovem, moderna e vibrante. A hipótese levantada é a de que tais discursos foram decisivos na reverberação de uma associação da seleção brasileira de futebol como representante da nação e os jogadores como dignos defensores da pátria.

No entanto, as críticas à utilização da seleção como veículo de associação de valores nacionais ao futebol, à maneira pela qual a seleção foi formada e à associação do governo com o futebol também serão analisadas. Tais críticas mostravam que nem só de exaltação vivia a seleção brasileira e mostra o outro lado desse ufanismo criado em torno do selecionado nacional.

Considerando que boa parte das fontes têm origem na grande imprensa carioca e paulista, torna-se necessário tomar algumas precauções básicas para o trabalho com esse tipo de material, além de tomar outras precauções com a utilização de conceitos importantes na análise das representações da nação através da seleção brasileira de futebol.

A imprensa periódica paulista e carioca e as representações da Seleção Brasileira de Futebol: cuidados e possibilidades

Em um breve ensaio produzido no ano de 1910, Max Weber apontava as potencialidades de produção científica de uma temática que considerava extraordinária: uma sociologia da imprensa. Weber levava em conta o fato de que “a imprensa é necessariamente uma empresa capitalista e privada” e que, portanto, tem uma demanda crescente de capital (Weber, 2002: 188). Portanto, há que se perceber a produção editorial periódica como tal, os conteúdos por ela veiculados têm como o objetivo o aumento das vendas. O autor orientava suas investigações para entender o que a imprensa aportava para o homem

moderno, que influências exercia sobre “os elementos objetivos supraindividuais” (Ibid.: 191), e o que construía ou destruía no “sentimento de viver”. Weber se propunha, portanto, a compreender o papel da imprensa na configuração do novo homem da modernidade capitalista.

Para trabalharmos com a imprensa periódica e com os discursos de celebração ou condenação da associação da seleção brasileira como representante da nação, usamos a definição de Benedict Anderson, que define a nação como uma comunidade política imaginada, pois as pessoas se reconhecem como pertencentes a uma determinada nacionalidade, mas nunca viram, nem verão a maioria de seus compatriotas (Anderson, 1993: 21).

A partir desse olhar, o confronto entre seleções nacionais em competições esportivas internacionais de grande porte e com ampla cobertura dos meios de comunicação torna-se oportunidade atraente para analisarmos os discursos construídos em torno das seleções nacionais.

Neste estudo, a presença de discursos da grande imprensa celebrando a seleção brasileira de futebol como símbolo nacional foi capaz de fazer com que pessoas de diferentes regiões e com variados interesses pudessem se reconhecer enquanto membros de uma determinada nação. Não só celebrando, mas também criticando, cronistas e ilustradores reconheciam, de alguma maneira, a seleção brasileira como uma questão importante a ser discutida enquanto representantes, ou não, de valores nacionais.

Com esse conceito de nação em mente, S. W. Pope organizou uma publicação para analisar o papel dos esportes e da grande imprensa norte-americana na construção do que chamou de “nacionalismo americano”. O período escolhido foi justamente o intervalo entre 1876 e 1926, aproveitando-se do ambiente dos aniversários de 100 e 150 anos, respectivamente, da independência dos Estados Unidos. Para o autor, o estudo do esporte nesse período oferece uma janela singular para a análise de um amplo processo histórico de materialização de uma cultura popular nacional através da celebração dos esportes. O autor utiliza-se dos discursos da grande imprensa dos EUA do período para analisar as afirmações da imprensa sobre o caráter especificamente norte-americano de alguns esportes, como o *baseball* e o futebol americano.

Através dessa possibilidade de análise, este trabalho se detém ao estudo do papel da grande imprensa carioca e paulista na associação de elementos nacionais à seleção brasileira de futebol, durante a celebração do centenário da independência do Brasil, em 1922. A competição revela-se como um momento ímpar na tentativa de captar a colaboração da grande imprensa na construção da seleção brasileira como um elemento unificador, representando a nação brasileira e o torcedor brasileiro. Neste caso, a ideia passa a dialogar com a proposta de Weber, buscando entender o aporte da imprensa para a configuração da modernidade nessas duas capitais. Porém, o intuito aqui é analisar o discurso da imprensa esportiva sobre os feitos de um grupo de jogadores por ela chamada de “seleção brasileira”. A etapa inicial de investigação é assim apresentada por Weber:

Onde está esse material para o início de tais trabalhos? Esse material é constituído pelos próprios jornais. Consequentemente, teremos que começar, de forma totalmente trivial, digamos claramente, a medir com tesoura e compasso, como foi se transformando o conteúdo dos jornais, em seu aspecto quantitativo, no transcurso da última geração; não

por último no relativo à seção de anúncios, à seção cultural, entre seção cultural e artigos editoriais e notícias, entre tudo aquilo que hoje em dia se publica como notícia e aquilo que já não se publica. (Weber, 2002: 190).

Assim foram realizadas as primeiras aproximações com os materiais dos periódicos aqui analisados. Devemos estar alertas ao cuidado a ser tomado quando trabalhamos com discursos que tentam representar determinadas percepções do social. Como estamos analisando discursos de autores da grande imprensa carioca e paulista sobre a seleção, precisamos ter em mente que tais discursos são percepções que “não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (Chartier, 1990: 17).

Consequentemente, se essas percepções não são discursos neutros e produzem estratégias que legitimam determinados projetos, devemos ver a projeção da nacionalidade brasileira na seleção como mais um “artefato cultural de uma classe particular” (Anderson, op. cit.: 21). A seleção foi um artefato cultural organizado pela CBD e pela Comissão dos Festejos Desportivos do Centenário, sob a presidência de um coronel do exército, Estelita Werner, como um projeto para criar um ambiente de união nacional que pudesse se solidificar e se estender para além da competição.

Porém, cuidados metodológicos importantes são necessários no tratamento das fontes oriundas da imprensa periódica. O primeiro deles é levar em conta que a análise dos periódicos recai apenas sobre a grande imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. Esses são os riscos que qualquer historiador corre ao se propor a escrever sobre questões de âmbito nacional em um país das dimensões do Brasil. A escolha da análise dos periódicos dessas duas cidades não reside apenas no fato de serem as mais populosas do país. As duas maiores cidades do país contavam também com o maior parque industrial nacional, periódicos de grande circulação e constituíam os dois maiores polos de desenvolvimento do esporte no país, sendo, inclusive, dessas cidades a base de quase todas as seleções nacionais que participaram dos Jogos daquele ano.

Para este estudo, conscientes das limitações de espaço e da natureza do trabalho, a intenção é trabalhar com um número de periódicos que represente parte importante da grande imprensa carioca e paulista. Revistas de variedades como as paulistas *A Cigarra* e a *Vida Moderna*, ou as cariocas *Careta*, *Fon-Fon* e *Para Todos* farão parte do escopo de análise. Às revistas juntam-se jornais paulistas como a *Folha da Noite* e os cariocas *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Jornal*, *O Imparcial*, *A Noite* e *O Paiz*. Todas essas publicações tinham grande tiragem e circulavam de maneira regular pelas duas cidades. Algumas dessas publicações também eram vendidas em outras cidades do país, ou até mesmo em outros países.

Procuramos entender o tipo de público pretendido por esses periódicos através da análise de suas notícias, editoriais, crônicas e até mesmo charges e caricaturas (Booth, 2005: 90). Pistas interessantes aparecem quando analisamos os editoriais de duas das maiores revistas do país, *Careta* e *A Cigarra*. “Essas revistas tendem a centrar significados em seus editoriais de lançamento” (Velloso, 2010: 81), e também em outros editoriais de números e datas comemorativas. *Careta*, em seu editorial do n. 1000, em agosto de

1927, colocava que seus mil números haviam desfilado “sem atritos, sem escândalos, sem farandolas, alegremente e fielmente, em paz com os homens e sem ódios de ninguém”. Atribuía tal feito ao fato de “ter ido ao encontro e não de encontro a esse fino senso commum” (“O Número Mil”. *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XX, n. 1.000, 20 de agosto de 1927, p. 15). Já o editorial d’A *Cigarra*, colocava que a revista estava sempre de parabéns, pois “pouco lhe importavam as crises econômicas e as “mais azedas” brigas políticas”, pois “nunca toma parte nestas senão para contribuir, para gaudío da galeria, com seu contingente de troça” (“Chronica”. A *Cigarra*, São Paulo, Anno X, n. 200, 15 de janeiro de 1923, p. 1). Aqui, observamos afirmações de que essas revistas buscavam um distanciamento das questões polêmicas, e talvez buscassem fazer uma crítica humorística, com o objetivo de não despertar ódios por parte de ninguém. Mais adiante veremos que as duas revistas não se furtaram desses subterfúgios para críticas feitas ao projeto de transformação da seleção brasileira em um símbolo da pátria.

Além disso, é necessário caracterizar, ainda que de maneira superficial, o leitor desses jornais e revistas. A comparação do preço dos periódicos com outros itens do período pode auxiliar nessa caracterização. Os jornais tinham circulação diária e a maioria custava \$100, mais barato do que se pagava para andar de transporte público, nos bondes e trens da cidade do Rio de Janeiro. As passagens dos bondes variavam entre \$200 e \$300 e nos trens suburbanos as passagens podiam custar de \$200 a \$1200, dependendo da distância percorrida⁴.

As revistas circulavam semanalmente ou quinzenalmente e tinham preços um pouco mais elevados. A revista carioca *Careta*, por exemplo, em 1922, custava \$400, tinha tiragem semanal e circulação nacional e nas grandes cidades podia facilmente ser encontrada em “engraxates, barbeiros, consultórios, etc.” (Sodré, 1966: 346). Sua maior concorrente no Rio de Janeiro era a revista *O Malho*, que pertencia à maior editora do Brasil, a S. A. “O Malho”, uma empresa que editava mais três periódicos semanais, dois mensais e três anuários (“Expediente”. *O Malho*, Rio de Janeiro, Anno XXI, n. 1.051, 4 de novembro de 1922, p. 4). *O Malho* tinha publicação semanal e custava, como a *Careta*, \$400, sendo também encontrada em outros estados do país por \$500. Durante os meses de setembro e outubro, a revista passou a ter o preço único de \$1000 para todo o país e depois reduziu os preços para \$500 no Rio de Janeiro e \$600 nos outros estados.

Em São Paulo, A *Cigarra*, de tiragem quinzenal, era a revista de maior circulação do estado e também com circulação nacional. Um pouco mais cara que a *Careta*, custava \$600.

A revista paulista contava com cerca de “400 agentes de venda avulsa no interior de S. Paulo e nos Estados do Norte e do Sul do Brasil” (“Expediente d’A *Cigarra*”. A *Cigarra*, São Paulo, Anno IX, n. 181, 1 de Abril de 1922, p. 18), e chegou a ter edições com tiragens de 25 mil exemplares. Oferecia assinaturas anuais para todo o Brasil e para o “extrangeiro”, além de ter uma sucursal em Buenos Aires e representantes para a venda nos Estados Unidos, França e Inglaterra (“São evidentes as vantagens dos grandes annuncios n’A *Cigarra*”. A *Cigarra*, São Paulo, Anno I, n. 12, 29 de outubro de 1914, p. 2). Para se ter uma ideia, o preço dessas revistas era próximo ao de um ingresso de geral para os jogos do campeonato carioca da primeira divisão (\$500) e cerca de metade do preço de uma entrada para o cinema, ou para a Exposição Internacional do centenário (1\$000). Muito mais barato que um estojo com lâminas para barbear da *Gillette* anunciadas a preço “Popular!” na revista *Careta*, custando “apenas 10\$000” (*Careta*. Rio de Janeiro, Anno XV,

n. 746, 7 de outubro de 1922, p.5). Segundo estudos de Maria Eulália L. Lobo, através de sua pesquisa sobre os salários nas indústrias do Rio de Janeiro do período, o salário médio dos operários da importante América Fabril, por exemplo, rondava os 200\$000 (LOBO, 1978, p. 675) e isso acaba nos dando uma ideia de quanto representava para um operário comprar um desses meios de comunicação e se manter informado através deles.

Outro aspecto importante a se considerar, é o fato de podermos notar na seção de esportes que, além de exaltação, há uma sensível crítica ao governo Epitácio Pessoa e ao projeto de uma seleção que representasse a nação. Por isso, a preocupação em observar “a relação entre imprensa e poder, o equilíbrio tênue de dependência e crítica, de observação e subserviência, a busca da liberdade e a censura” (Martins e De Luca, 2008: 9). Como veremos adiante, o Congresso discutia, em 1922, a possibilidade da aprovação de uma lei de censura para a imprensa e a crítica a isso é sensível nas entrelinhas das notícias, nos desenhos de ilustradores como Belmonte ou mesmo na ferocidade dos textos de Lima Barreto. Essas críticas podem revelar como muitos desses periódicos flutuavam nessa linha de dependência, através das críticas à seleção brasileira e seu novo posto de relevância que assumia no cenário nacional.

Nesse contexto, particular atenção deve ser dada às charges e ao discurso humorístico apresentado, principalmente, nas revistas da época. “A revista não visa captar a realidade imediata. Ela se esforça para torná-la objeto de reflexão” (Velloso, 2010: 43).

Revistas como *Careta* e *A Cigarra* aproveitaram o talento de seus ilustradores para trazer à tona críticas contundentes, aproveitando associações irônicas sobre o ufanismo gerado com as vitórias da seleção. Como afirma Vera Lins, “a caricatura era na época um meio de satirizar livremente os acontecimentos da cidade e do país” (Lins, 2010: 24).

Se Mônica Velloso aponta que “a crescente demanda pela receptividade e visibilidade públicas exige que as revistas aprimorem a sua arte de comunicação, aproximando-se dos leitores” (Velloso, 2010: 46), a análise das charges e caricaturas, no entanto, não pode ser vista como “ilustração” do texto, nem deve ser observada por mera “carência documental”. O uso dessas imagens deve inserir-se no “esforço para ampliar o universo de documentação e análise do Historiador” (Silva, 1991/1992: 118). Torna-se prudente não procurar entender as charges como possibilidade de maior acesso à informação e crítica por parte de boa parte da população analfabeta. Como alerta Marcos Silva, “Caberia pensar sobre a Imprensa instituindo uma interpretação de imagens, voltada para determinados objetivos sociais e políticos, e discutir o visual como código estruturado, que exige interpretações de seus consumidores, analfabetos ou não” (Idem: 131).

A partir desse contexto, o humor nas charges deve ser entendido como estratégia para poder fazer as críticas ao governo e mesmo à população, que na visão de muitos pensadores e ilustradores, dava demasiada atenção ao futebol. “O riso surge como um dos grandes atrativos dessas publicações” (Velloso, 2010: 95) e, portanto, o humor deve ser analisado como discursos alternativos. Em importante trabalho que capturou a sensibilidade e o humor presentes na grande imprensa carioca e paulista, Elias T. Saliba demonstrou que “analisar a representação humorística da nacionalidade é explorar a enorme ambivalência da linguagem, em todas as suas formas, na construção de um discurso alternativo e de outras possíveis narrativas das nacionalidades.” (Saliba, 2002: 31).

Devido às limitações do trabalho, propomos aqui um número pequeno de charges sobre a competição de futebol, que pode ser uma janela para investidas futuras sobre o tema, uma vez que tantas foram encontradas, apenas durante o contexto das celebrações do centenário.

Os cronistas e ilustradores aqui abordados serviam como intermediários entre todos os brasileiros que gostavam de acompanhar a seleção brasileira e o que se passava dentro do estádio, para os 30 mil espectadores presentes. Segundo Edgar Morin, o espectador, aquele que não pode estar presente no estádio “participa do espetáculo, mas sua participação é sempre pelo intermédio do corifeu, mediador, jornalista, locutor, fotógrafo, *cameraman*, vedete, herói imaginário” (Morin, 1969: 74). O espectador, aquele que apenas sabia dos jogos por parte das representações da imprensa, passava a ter diante de si, mais um herói imaginário, para além da seleção e de seus jogadores: a seleção brasileira.

Precavido com os cuidados metodológicos descritos acima e com o *corpus* conceitual sucintamente apresentado, a tarefa será justapor as diversas representações da seleção brasileira durante o campeonato internacional de futebol de 1922, para a possibilidade de uma melhor compreensão da associação da seleção com aspectos de identidade dos brasileiros. Lembramos que não entendemos aqui o receptor desses discursos como passivo, participando inclusive na reformulação das representações sobre os próprios torcedores. Porém, neste trabalho, não procuramos nos aprofundar sobre esse tema, mas sim no papel de alguns dos maiores periódicos do Brasil na construção da seleção brasileira e de seus jogadores como símbolos da nação.

O que celebrar no centenário?

A celebração do centenário foi um “momento ímpar não só para a realização de um efetivo balanço das ‘reais’ condições do país, como para a elaboração de projetos que apontassem soluções para a questão nacional” (Motta, 1992: 40). Para a proposta de análise aqui lançada, o Campeonato Sul-Americano de futebol deve ser observado enquanto um projeto, parte da estratégia de um conjunto de soluções tomadas pelo governo para a questão nacional. Nesse caso, um olhar mais detido sobre o contexto político ajuda a entender o lugar ocupado pelo evento esportivo dentro das ações governamentais.

Em termos de política interna, o chamado “sistema de oligarquias” entrava em processo de colapso. Durante o processo das eleições presidenciais de 1922, as oligarquias paulista e mineira, que se revezavam no poder, não conseguiram o acordo necessário com as outras oligarquias estaduais, quebrando o pacto entre os grupos poderosos que controlavam as principais eleições do país. As chamadas “oligarquias dissidentes” contavam com os principais líderes políticos dos estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Nilo Peçanha, senador pelo estado do Rio de Janeiro, foi o candidato à presidência, pela “Reação Republicana” (cf. Ferreira, 1993). A chapa tinha ainda como candidato à vice-presidência o governador da Bahia, J. J. Seabra.

A disputa com o candidato da situação, o mineiro Artur Bernardes, foi envolta em polêmicas. Em meio ao clima tenso da derrota da oposição, a CBD organizou um campeonato de seleções estaduais de futebol com objetivo de observar os melhores jogadores do país para formar a seleção brasileira. A maioria das federações que representavam o futebol dos estados envolvidos nas tumultuadas eleições foi convidada:

São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Pará. Essa seletiva se configurou no primeiro projeto nacional de um campeonato de futebol.

Ao clima conturbado das apurações, somava-se a tensão entre setores do Exército e o governo após a vitória de Bernardes. Tal rusga vinha desde o ano anterior, quando veio à tona, por meio do *Correio da Manhã*, o episódio das supostas cartas que o então candidato teria escrito a Raul Soares. Nas cartas produzidas por falsários, ofensas a Hermes da Fonseca, então presidente do Clube Militar foram suficientes para o início dos problemas. Em julho, às vésperas da comemoração do centenário, a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, com a morte de vários oficiais do exército em plena Avenida Atlântica, em Copacabana, um dos novos pontos de celebração da cidade, escancarava rupturas nas Forças Armadas.

Foi dentro desse contexto que se deu a participação de elementos do exército brasileiro nos Jogos. Membros do exército e da marinha participaram diretamente na organização e com o fornecimento de atletas para as seleções. Os “Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro” tiveram a companhia de um campeonato internacional de competições esportivas para membros das Forças Armadas. A inclusão do exército e da marinha na participação, elaboração e organização das competições esportivas pode ser vista como um sinal de aproximação entre o governo e as Forças Armadas no projeto de celebração da nação através do esporte.

Ainda como resquício do episódio das “cartas falsas”, a imprensa, de uma maneira geral, enfrentou momentos difíceis com a discussão do projeto de lei apresentado pelo senador Adolfo Gordo ao Congresso, que tentava oficializar o controle e a censura da imprensa no país. Tal projeto foi apresentado em 1922 e aprovado em outubro do ano seguinte. Dessa maneira, os periódicos de grande circulação precisavam cuidado redobrado nas possíveis críticas ao governo. A Exposição e o campeonato sul-americano foram espaços para que crônicas e charges pudessem fazer a crítica a esses projetos.

A imprensa e a Seleção Brasileira

“Estatutos da Confederação Brasileira de Desportes: [...] Capítulo XI- DOS AMADORES [...]”
Art. 45: Não são considerados amadores: a) os que não sabem ler e escrever; [...]”⁵.

Falar em seleção brasileira com a ideia de que dela fizessem parte jogadores que efetivamente representassem o Brasil foi uma tarefa difícil, uma vez que os estatutos da CBD excluía os analfabetos, que de acordo com o Censo de 1920, eram 65% da população brasileira⁶. Junto a esse dado, vale ressaltar que, a despeito da organização do campeonato de seleções estaduais, a seleção de 1922 contou apenas com jogadores de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro, como era de costume. Da equipe que disputou a final do torneio contra o Paraguai, sete jogadores eram de equipes paulistas e quatro eram de equipes cariocas.

No entanto, de uma maneira geral, a imprensa saudou os esforços por parte dos dirigentes da CBD e da “Comissão Desportiva do Centenário” em fazer reunir “um conjunto que representasse dignamente o *sport* nacional” através do campeonato de seleções estaduais, “proporcionando os seus resultados surpreendente oportunidade

para que se constatasse o progresso sportivo de outros Estados” (“Domingo Sportivo”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1922, p. 1).

No dia seguinte à final, em 23 de outubro, os periódicos exultavam o feito do selecionado brasileiro e alimentavam o discurso de comemorações feitas pelo povo, dando destaque ao alcance verdadeiramente nacional do feito. *O Imparcial*, logo em sua primeira página destacava: “Todo o Brasil rejubila a estas horas com a merecida vitória alcançada hontem [...]”. *O Jornal* descrevia que “os louros dessa memorável pugna couberam, mui justamente aos nossos patrícios que tiveram, assim, o justo premio dos esforços despendidos e da abnegação com que sempre lutaram em defesa das cores nacionais” (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 7).

Não foram apenas o público e a imprensa aqueles a comemorar o feito e a celebrar a seleção de futebol como verdadeiros “heroes” da nação. O deputado Benjamim Barroso propôs o pagamento de um prêmio de 50:000\$000 a ser dividido entre os jogadores, valor equivalente à renda do jogo contra os paraguaios⁷. A proposta, aprovada no Congresso Nacional, tinha em seu texto introdutório, a demonstração das justificativas para tal medida. Os deputados consideravam que os vencedores do torneio “realizado no Centenário da Independência, se esforçaram, conservando-se adstrictos aos preceitos desportivos, pelo renome da nossa gente” (*A Noite*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 3; *Diário de Pernambuco*, 24 de outubro de 1922, p. 3). O pagamento do prêmio gerou muita polêmica e a imprensa se aproveitou para desfiar muitas críticas ao governo, principalmente através das charges das revistas *Careta* e *A Cigarra*. A referência aos 50:000\$000 como prêmio para os jogadores foi tratado em tom de escândalo por alguns órgãos de imprensa. *O Diário de Pernambuco* (24 de outubro de 1922, p. 3) e o jornal carioca *A Noite* (Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922, p. 3), forte opositor do regime, denunciavam a aprovação por parte do Congresso de proposta para o pagamento de prêmio aos atletas que haviam vencido o torneio de futebol.

O escândalo era maior, pois a própria CBD exigia em seus estatutos que todos os atletas fossem amadores para poder representar a seleção brasileira. O valor não era dos maiores. Era menor, por exemplo que a renda de apenas um dos jogos do torneio, entre Brasil e Argentina, em que se obteve, com a venda de ingressos, 54:018\$000 (“Os Sports no Centenário”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922, p. 3). Cada um dos 15 jogadores ficaria com muito menos do que os dois jangadeiros que fizeram uma viagem marítima do Ceará à Capital e os dois ciclistas gaúchos, que saíram da cidade de São Pedro em suas bicicletas com destino também ao Rio de Janeiro, como forma de celebrar o centenário. Originalmente, o Congresso aprovou 100:000\$000 apenas para os jangadeiros, mas o atuante deputado gaúcho Octavio Rocha conseguiu uma emenda ao projeto para a divisão com os atletas gaúchos⁸. Mesmo assim, era um valor elevado a ser dividido entre os jogadores de futebol. Cada um receberia do governo valores que poderiam chegar a ser quase 20 vezes maior do que o salário de um operário da Fábrica América Fabril.

Além desse escândalo, alguns parlamentares passaram a condenar as competições internacionais de futebol, pois estas estariam acirrando rivalidades que extrapolavam o campo e estavam dificultando relações com figuras proeminentes dos países sul-americanos. Brasil e Uruguai disputavam uma cadeira permanente na Liga das Nações e devido aos atritos com a seleção uruguaia, alguns parlamentares brasileiros viram a

competição e o acirramento das rusgas entre os dois países como um revés na política internacional do país. O deputado paulista Carlos Garcia apresentava projeto à Câmara proibindo os jogos internacionais no país (“O Projecto Carlos Garcia”. *Folha da Noite*, São Paulo, 21 de outubro de 1922, p. 3). Em charge de autoria de Belmonte, publicada dias após o jogo entre Brasil e Uruguai, a violência e a confusão entre os jogadores foi o mote para o ilustrador abordar o assunto. Ao lado da República, simbolizada por uma grande mulher e parte da bandeira nacional, tremulavam as bandeiras do Uruguai, Chile e Argentina. Junto ao símbolo da bandeira, um parlamentar em trajes oficiais aponta para dois jogadores ao lado de uma bola de futebol. Um deles está com um pé no pescoço do outro e o político afirma: “O que alguns fazem com as mãos, outros fazem com os pés” (“Fraternidade Sul-Americana”. *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XV, n. 746, 7 de outubro de 1922, p. 30).

Ainda relacionado ao enfraquecimento das relações externas do país, a mesma revista, uma semana depois, publicava uma charge extremamente significativa. Atrás de um alambrado, supostamente nas gerais, local dos ingressos mais baratos, o personagem do “Jeca” assiste atônito às pernas de um jogador pisotear com as suas chuteiras uma grande fita em que se lê: “Relações Internacionais” (“Os pés pelas mãos...”. *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XV, n. 747, 14 de outubro de 1922, p. 26). A charge torna-se mais significativa, quando a confrontamos com outras situações em que o personagem é colocado em charges da revista. Neste caso, serve a ilustração do início do ano em que Jeca segura um jornal de ponta-cabeça, com a seguinte manchete: “Setembro de 1922, Cem Anos de Independência!”. Jeca, sentado no sofá, afirma: “É pena eu não saber ler!” (“Um anno de regozijo”. *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XV, n. 708, 14 de janeiro de 1922, p. 21). O espanto de Jeca ao ver o jogador de futebol estragando a política externa do país revela o poder de alcance que o futebol poderia ter entre a população das camadas subalternas. Já sua afirmativa de não saber ler, reverbera a alta taxa de analfabetismo no país. Em 1920, cerca de 65% da população não sabia ler e escrever?

Outras revistas como *O Malho* e *Fon-Fon* destacaram a violência com que os jogos estavam sendo disputados. *O Malho* trazia fotos da seleção brasileira nas páginas da revista acompanhadas da legenda: “O glorioso ‘team’ Brasileiro, vencedor da Argentina, por 2x0 domingo último”. No entanto, a capa dessa mesma edição trazia a ilustração de dois torcedores saindo do estádio como se fosse um campo de batalhas, cheio de jogadores feridos pelo caminho. Na legenda, um torcedor conversa com o outro, sob o título “O Score e as Soturas”:

— Então, doutor? Gostou do jogo? Bello resultado!

— É verdade. Dez pontos contra quinze na testa de cada um. (*O Malho*, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1922, capa).

Muitos periódicos de oposição ao governo, além de cronistas e ilustradores que não concordavam com o projeto de nação através do futebol, se expressaram através da grande imprensa. Mesmo assim, a maioria dos jornais de oposição mantiveram o tom de apoio e celebração à seleção brasileira. No dia seguinte à conquista, na *Gazeta de Notícias*, um dos periódicos de maior oposição ao governo, o cronista ressaltava que as milhares de pessoas que assistiram à partida gritavam: “Salve o Brasil - campeão de terra e mar” devido aos títulos do futebol, remo e *water polo*. No entanto, dedicava algumas linhas à

“grande República Argentina, como o mais sincero agradecimento do povo brasileiro” em alusão à vitória da desclassificada seleção argentina sobre o Paraguai que deu chances do Brasil não ser eliminado do torneio. Dessa maneira, o periódico, também contestador do governo, tentava minimizar a vitória brasileira (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 6).

Outras críticas aparecem nas charges das revistas *A Cigarra* e *Careta*. O envolvimento de parlamentares com o futebol foi tão grande que a revista paulista *A Cigarra*, ainda antes da vitória brasileira, publicou duas charges em sua edição de 15 de outubro de 1922, ironizando tal relação. O autor das ilustrações foi o caricaturista Belmonte (Benedito Bastos Barreto), que analisou constantemente os “problemas da nação, a partir das percepções sobre os políticos e as ações que se relacionavam aos seus cidadãos e que afetavam as suas vivências cotidianas” (Silva, 2007: 167). Neste trabalho, Zélia Lopes da Silva observou uma charge de Belmonte desta edição da revista que mostrava o público do teatro municipal muito bem vestido e dormindo. No entanto, não prestou atenção em duas charges de Belmonte que relacionavam justamente percepções de políticos proeminentes do país com o futebol ou às ações deste esporte, que definitivamente afetava a vida das pessoas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

As duas caricaturas da revista ironizavam situações de sobrevalorização dos jogadores e da seleção brasileira como representantes da nação, por jogarem em nome da pátria. Na primeira delas, com o título tão sugestivo quanto provocador “É o que está faltando...”, quatro jogadores da seleção brasileira, todos machucados, com muletas e faixas de curativos pelo corpo, indagavam uma figura feminina, que representava a República brasileira, com os seguintes dizeres: “E agora o que queremos é uma pensão vitalícia; porque, afinal, fomos feridos em ‘defesa da Pátria’!” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 8). Belmonte ironizava a discussão no parlamento sobre a premiação em dinheiro para os jogadores “amadores” brasileiros e a associação dos jogos como guerra em defesa da pátria.

Poucas páginas adiante, a crítica foi direcionada ao governo e ao seu envolvimento com o futebol. Na charge com o título “Os Novos Ministérios”, aparece o gabinete presidencial, com Epitácio Pessoa sentado à mesa e seu acessor a chutar funcionários para fora da sala. Em quadro pendurado na sala, havia o anúncio do expediente a ser cumprido naquele departamento, avisando que do meio-dia às duas da tarde, estariam “*off-side*” em alusão ao horário do almoço. A lata de lixo ao lado da mesa do Presidente tinha uma placa escrita “*goal*” e à sua frente um jogador da seleção perguntava: “Por que o governo não cria um ministério do Futebol? Não seria mais útil que qualquer outro?” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1922, p. 25).

Belmonte ironizou a seleção - através da figura de Ruy Barboza, um defensor da nação - e o vínculo dos brasileiros com a causa patriótica. O político encontrava-se gravemente doente, à beira da morte e já era tratado como herói nacional, pois “em suas campanhas políticas, suas derrotas eleitorais foram compensadas simbolicamente pela inaudita aclamação das ruas” (Gonçalves, 2000: 135). Na edição seguinte, Belmonte publica uma charge sob o título “Domínio do Futebol”. No desenho, o franzino Ruy Barboza bate bola com um atlético jogador da seleção brasileira. Na legenda, antes da conversa do jogador com o político, uma nota com os seguintes dizeres: “Um jornal declarou, há dias, que sem o esporte não haverá patriotismo, e que a força física de um povo é o que faz a

grandeza de uma nação”. Abaixo da citação, o discurso do jogador da seleção brasileira: “E ainda falam em talento! Qual, história! Ruy, para ser grande e patriota, tem de correr num campo de futebol!” (“O Domínio do Futebol”. *A Cigarra*, São Paulo, Anno XX, n. 195, 1 de novembro de 1922, p. 26).

Dias antes, na revista *Careta*, o ilustrador já havia publicado uma charge com o título “Aos Livros!”. A República, na figura de uma mulher gigante, tinha a seu lado Ruy Barbosa. A República, com uma mão na cabeça do pequeno e franzino Ruy Barbosa, oferece com a outra um livro a três jogadores de futebol, ainda menores que Ruy, que estão abraçados. Com o gesto afirma: “Meus filhos! Nada de exageros! Lembrai-vos que a grandeza de uma nação não está nos músculos dos seus atletas, mas na inteligência de seus intelectuais!” (*Careta*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1922, p. 11). Assim, através do humor e, driblando possíveis censuras, a ironia de um projeto de nação alicerçado nas vitórias da seleção brasileira de futebol é confrontada com um projeto fundado em bases educacionais, como o de Ruy Barbosa.

O jornal paulista *Folha da Noite* foi outro que não teve um discurso tão alinhado com a celebração da nação através da seleção de futebol e de seus jogadores. As glórias, quando colocadas, penderam para os jogadores que representavam clubes de São Paulo. Os jornalistas paulistas não se conformavam, por exemplo, com a eliminação do atacante Friendenreich, herói do título Sul-Americano de 1919, após os dois primeiros empates da seleção. O cronista do periódico encarou o fato como desrespeito ao futebol paulista, e afirmava, “sem procurar desmerecer do esforço dos cariocas do quadro”, que “as maiores honras e as maiores glórias cabem por certo aos elementos de cá [de São Paulo]”. Além de exaltar os gols marcados na final por Neco e Formiga, jogadores de clubes de São Paulo, o cronista colocava em evidência ainda a vitória do remador paulista José Ferreira no Campeonato Brasileiro de *Rowing* como prova da “força, da vontade e do adeantamento paulistas”. Dessa forma, ironizava um suposto projeto da CBD, com sede no Rio de Janeiro, de “elevar o esporte brasileiro, prejudicando o de São Paulo” (*Folha da Noite*, São Paulo, 24 de outubro de 1922, p.3).

No Rio de Janeiro, Lima Barreto foi uma das vozes dissonantes desse projeto nacional ligados aos esportes e especialmente ao futebol. Em janeiro de 1922, o autor já denunciava em suas crônicas na popular *Careta* a supervalorização que alguns intelectuais, diretores de redação de jornais e revistas e a população em geral davam às competições esportivas internacionais. Segundo Lima Barreto

O Brazil, ao acreditar em semelhante pessoal, ficará célebre no mundo, desde que ganhe campeonatos internacionais dessas futilidades todas. E, sendo assim, em breve aparecerá um Camões ou um Homero para rimar uma epopéia em louvor desses heróis esforçados, que nada fizeram para o benefício commum; mas que são glorias do Brazil (Lima Barreto. “As Glorias do Brasil”. *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XV, N. 107, 7 de janeiro de 1922, p. 19).

Considerações finais

73

A crítica de Lima Barreto sugere a leitura de um texto do cronista K. Fico, da revista *Vida Moderna*, com sede em São Paulo, como uma dessas descrições heroicas, mas não dos jogadores, e sim dos torcedores. O autor descreve o torcedor com singular particularidade. A crônica é exemplar para entendermos a nova representação de simbiose entre torcedores e seleção brasileira.

Além de lermos a crônica com o alerta acima dado por Lima Barreto, vale atentar para a descrição que Maria Inez Machado Borgez Pinto faz do processo de modernização pelo qual São Paulo passava, para depois refletirmos sobre as analogias com o texto de K. Fico. A autora coloca que

De fato, o processo modernizador trouxe consigo a racionalização de condutas, a proposta de homogeneização de costumes e de consumo, ao mesmo tempo que a multiplicação das escalas do ambiente urbano tinha como contrapartida o encolhimento da figura humana e a projeção da coletividade como um personagem em si mesmo, anunciando o surgimento da sociedade de massa. (Pinto, 1999:144)

A crônica foi publicada dias após o empate entre brasileiros e uruguaios, portanto, muito antes da final. O autor afirmava que na torcida havia milhares de indivíduos “de todas as categorias, de todas as idades, de todas as côres, proprietários e párias, advogados e engraxates, e, quem sabe, talvez alguma Exca. desgarrada do bando” e completava que todos ali “todos pensavam, neste momento, por um só cérebro, pulsavam com um só coração, sentiam os mesmos nervos, desejavam uma só e mesma cousa”.

E que belo exemplo o autor deu de “encolhimento da figura humana e a projeção da coletividade como um personagem em si mesmo” (Pinto, 1999: 144), como observado por Pinto, quando representa a torcida no estádio: “[...] Era como si aquella gente toda se tivesse fundido no cadinho do Futebol, e da amálgama subisse um ser, de calção curto e camisa de lã, que só pensasse no Futebol, para elle e por elle vivesse.” (“Brasileiros x Uruguayos”. *Vida Moderna*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1922, Ano XVIII, n. 441, pp. 12 e 13). Aqui se percebe o esforço do autor da crônica em exaltar os signos do moderno, em ligar o torcedor de futebol às transformações da cidade que iam “no sentido da disciplina e do controle e da glorificação da energia, da agressividade e da velocidade” (Lins, 2010, 34). Ao lado da seleção como elemento propulsor da nacionalidade brasileira, aquela gente toda se transformava em um ser, uniformizado e que entrava em campo em ligação direta com os jogadores.

Ao ler os jornais e revistas desse período, ao perceber as diferentes maneiras como a seleção, o futebol e o torcedor foram representados nos diferentes periódicos cariocas e paulistas, pode-se notar as diferentes formas utilizadas para exaltar ou criticar esses elementos. Os jornais e revistas do período tornam-se, portanto, poderoso objeto de investigação para se entender, de maneira crítica, a sociedade naquele período. Pequenas notícias esportivas ou ilustrações supostamente “despretensiosas” revelam aspectos que não poderiam estar presentes em outro tipo de material.

A representação do torcedor brasileiro por parte da imprensa também merece uma análise mais detida, quem sabe em outra investida. Mas lembrando sempre do alerta de Sandra Jatahy Pesavento que “todo o esforço para desvelar representações passadas é uma leitura entre possíveis” (Pesavento, 1995: 287).

Esta pesquisa foi realizada com apoio da Faperj.

74

Cite este artigo

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. A imprensa e o Sul-Americano de futebol de 1922: “a defesa das cores nacionais” ou o “campeonato internacional das futilidades”? **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, nº 5, pp. 60-76, Dezembro 2012. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

Notas

1. João do Campo ao descrever o jogo amistoso entre um combinado de jogadores portugueses contra cariocas no Rio afirmou que a assistência estava “torcendo, com certeza, por patriotismo”. (*Revista da Semana*. Ano XIV, n. 688, 19 de julho de 1913, p. 46).
2. Cf., por exemplo, “FOOT-BALL”. (*Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 6 de abril de 1908, Anno VI, n. 412, p. 311) e “O SPORT DA MODA” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1913, p.6.)
3. Para associação entre a ACM e os esportes no Brasil, cf. Cancelli, 2010; para o envolvimento da ACM com os Jogos Sul-Americanos e o COI, cf. Dacosta, 2006: 206-207.
4. As informações sobre horários, linhas, duração das viagens e preços de passagens de bondes e trens foram obtidos nas edições do *Almanak Laemmert* entre 1885 e 1928, disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
5. BRASIL. *Estatutos da Confederação Brasileira de Desportes*. Diário Oficial, 26 de julho de 1922, pp. 14.277 – 14.280.
6. BRASIL. Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.
7. A renda, segundo a *Gazeta de Notícias* de 24 de outubro de 1922 (p. 6), foi de 46:408\$000.
8. cf. BRASIL. Diário do Congresso Nacional, 25 de outubro de 1922, p. 4.416
9. BRASIL. Censo Demográfico de 1970. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1972

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BOOTH, Douglas. *The Field: truth and fiction in sport history*. Abingdon: Routledge, 2005.
- CANCELLA, Karina Barbosa. A Fundação da Primeira Sede da

Associação Cristã de Moços na América Latina e sua Atuação como Fomentadora da Prática Esportiva no Rio de Janeiro Pós-Republicano. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio e Janeiro, v. 3, número 2, pp. 1-38, dezembro de 2010.

DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio De Janeiro: Confef, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a Crise dos Anos 20, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, pp. 9-23, 1993.

GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um Estudo de Caso da Construção Fúnebre de Heróis Nacionais na Primeira República. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n.25, 2000, pp. 135-161.

LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada do século. In: Oliveira, Cláudia de; Velloso, Monica Pimenta; e Lins, Vera. *O Moderno em Revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, pp. 15 a 42.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *História d Rio de Janeiro: do capital comercial ao industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. *A cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1992.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. FGV/CPDOC, v. 8, n. 16, jul-dez, p. 279-290, 1995.

____. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, pp. 9-27, 1995.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 38, p. 139-163. 1999.

POPE, S. W. *Patriotic Games: Sporting Traditions in the American Imaginations (1876 - 1926)*. New York: Osford University Press, 1997.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso - a representação humorística na*

história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

76

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro(1915 - 1934)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós- Graduação em História Econômica - DH/FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SILVA, Marcos A. da. A construção do saber histórico: historiadores e imagens. *R. História*, São Paulo, n. 125-126, p. 117-134, agosto-dezembro de 1991 a janeiro-julho de 1992.

SILVA, Zélia Lopes da. O traço de Belmonte desvendando São Paulo e o Brasil (1922-1924). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 163-179, julho-dezembro de 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: Oliveira, Cláudia de; Velloso, Monica Pimenta; e Lins, Vera. *O Moderno em Revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, pp. 43 a 110.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *Lua Nova*, n. 55/56, p. 185-194, 2002. Originalmente publicado como Alocução no Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia em Frankfurt, 1910.